

CARTAS, ENSAIO E CRIAÇÃO LITERÁRIA: UMA LEITURA DE GILBERTO FREYRE E JOSÉ LINS DO REGO

Silvana Moreli Vicente Dias¹

Resumo

Este trabalho pretende desenvolver algumas aproximações entre ensaísmo e epistolografia tendo por base a obra de Gilberto Freyre e José Lins do Rego. O modo como os autores concebem a forma ensaística – que traz uma indelével marca do processo, da performance, da oralidade e do gesto empenhado – comunica-se com a atividade epistolográfica prolífera de ambos. Palavras-chave: Gilberto Freyre. José Lins do Rego. Correspondência.

Abstract

I intend to develop some approximations between the essay and the letter throughout the reading of the works of Gilberto Freyre and José Lins do Rego. The way the authors conceive the essayistic form – which brings a relevant mark of the process, the performance, the oral and the engagement – relates to the epistolary writing of both.

Key-words: Gilberto Freyre. José Lins do Rego. Letters.

Um modo de se compreender a inserção de Gilberto Freyre e José Lins na literatura brasileira moderna na primeira metade do século XX é observar como atuam, na década de 20, elementos que concorreriam para elaborar estilos convergentes que se tornariam paradigmáticos na década seguinte. Num primeiro momento, é interessante observar como o ensaísmo, especialmente fazendo remissão à tradição do ensaio familiar e do ensaio moralista, apresenta centralidade quando a ambiguidade da situação de escritor, tanto no caso de Freyre quanto no de Lins, é flagrante. Ainda supostamente confiando no mercado como espaço de legitimação cultural, procuram articular-se como jovens atores centrais em uma esfera pública em

¹ (IEB/USP)

expansão², por meio da práxis argumentativa de caráter dialógico. Na década seguinte, ficam claros, porém, os limites do modelo liberal, num contexto em que o Estado varguista assume a função de legitimador cultural, patrocinando uma rede de instâncias de produção, distribuição e consagração de bens simbólicos.³ O consenso, que deveria ser buscado na esfera pública, passa a integrar o projeto estatal de construção da nação, inclusive como modo de inclusão das classes até então aliadas do processo político. Sob a aparência simbólica de unidade e harmonia, articulam-se vozes dissonantes, que conformavam um Brasil novo, periférico, com herança colonial e escravocrata, como resposta ao modelo burguês liberal, modernizador e democratizante. Situações paradoxais como essas fundam o processo de modernização no Brasil, e a trajetória de Gilberto Freyre e José Lins é o mais cabal exemplo de ambiguidades amalgamadas que se inscrevem nos mais diversos níveis da experiência escritural, dos documentos privados aos textos públicos. Olhar para as especificidades desses documentos (entre os quais destacamos o ensaísmo e a epistolografia), enfatizando-se a intrincada relação entre eles, além de contribuir para discussão sobre a vida intelectual e cultural no Brasil, é condição primordial para se entender a importância que as obras de Gilberto Freyre e José Lins do Rego tomam no cenário da literatura brasileira na primeira metade do século XX, ao elaborarem um projeto de modernidade alternativa⁴ para o país.

O texto epistolar, com seu caráter literário fronteiro, oralidade e fluidez de temas e formas, pode apontar para uma referência múltipla, do universo cotidiano aos “grandes” temas que remetem à construção da nação. A própria maneira como as cartas são concebidas – tocando alusivamente ao elemento narrativo ou lírico, por exemplo – lhe empresta um estatuto mais devedor do fragmento, da incompletude, do inacabamento, da rasura, do que da unidade integradora e da forma fechada. Entretanto, pode dialogar com as diferentes formas literárias. Nesse sentido, é patente que, uma vez que o elemento

² Sobre o conceito de “esfera pública”, cf.: HABERMAS, J. *Mudança estrutural da Esfera Pública*: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

³ Cf. MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁴ Sobre o conceito de modernidade em Freyre, remeto, dentre outros, a: ARAÚJO, R.B. *Guerra e paz: Casa-grande & senzala* e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. São Paulo: Ed. 34, 1994; GIUCCI, G. Gilberto Freyre e o (Pós) Modernismo. In: ARQUIVOS literários. Organização de E. M. de Souza e W. M. Miranda. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.167-182).

literário à deriva emerge ao acaso, sua manifestação não pode ser planejada; mesmo quando há um projeto, em princípio, totalizante, depende sobremaneira de arranjos contingentes.

O gênero epistolar pode ser abordado como um documento da intimidade; mas, como no caso de Freyre e Lins, por se tratar de uma escrita realizada por autores atuantes na esfera pública, traz um caráter performático⁵ peculiar, apresentando uma espécie de simulacro de diálogo empenhado que se faz forma e remetendo a diversos assuntos da vida prática, além de ser notadamente um construto intelectual e até mesmo estético que procura, de algum modo, estabelecer um canal comunicativo concreto com seu interlocutor – portanto, atualiza, por meio da escrita, a co-presença, elemento essencial para a esfera pública tradicional.⁶ Além disso, é talvez, como nenhum outro, um documento do qual irradiam múltiplas redes intertextuais, daí sua importância para a investigação biográfica, para a percepção das interações entre grupos sociais aos quais pertenceriam os autores e para a compreensão dos interstícios e dos movimentos múltiplos da criação literária.⁷

Nesse sentido, gostaria de observar como o fragmentário, a dispersão e a oralidade performática e empenhada próprios da epistolografia se apresentam como elementos centrais em outras obras dos autores. Nesse sentido, é interessante observar como a relação entre epistolografia e ensaísmo é particularmente viva no início de suas trajetórias, quando a tentativa de atuação empenhada na esfera pública se faz, sobretudo, por meio da escrita para a imprensa. Nessas formas fronteiriças ou impuras⁸, para usar uma expressão de Freyre, haveria algo fundamental: um movimento lacunar que impediria uma síntese final, alimentando, até o fim, seu sentido de

⁵ Sobre a relação entre visão performativa da linguagem e descontinuidades do manuscrito, há sugestões em: PINO, C. A.; ZULAR, R. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. Sobre a relação entre performatividade, oralidade e voz, é sugestiva a leitura de: ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: CosacNaify, 2010.

⁶ Situação diferente do contexto dos meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea, em que prevalecem a pluralidade e a dispersão. Cf. THOMPSON, J.B. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2001.

⁷ Cf. MORAES, M. A. Epistolografia e crítica genética. *Ciência e Cultura*, Campinas, v.59, n.1, p.30-32, jan./mar. 2007.

⁸ FREYRE, G. *Heróis e vilões no romance brasileiro*. São Paulo: Cultrix: Ed. da USP, 1979. p.26.

inacabamento ou inconclusão.⁹ Seria como se todas as formas textuais fizessem parte de um único – e apontando para o infinito – processo de escrita. Seria algo como um livro inacabado, em processo, que se volta contra a morte, a ruína, sobrevivendo a ela como uma assombração.¹⁰ Segundo Adorno,¹¹ a união entre ciência e arte que se opera no ensaio é um movimento de negação da coisificação do mundo ocorrida no curso da crescente desmitologização. Nessa senda, a escrita pode ser vista como uma tentativa de restabelecimento de uma unidade orgânica entre intuição e conceito, imagem e signo, sujeito e objeto, arte e ciência, literatura e sociedade. Mas tal restituição importa na medida em que seja vivida apenas como utopia, a ser experimentada no processo da escrita ensaística (note-se que “processo” não se esgota em um procedimento *per se*). Dever-se-ia tratar de uma restituição *in potentia*, bem como o ensaio é literatura *in potentia*.¹² E a correspondência teria igualmente uma relação ambígua com a possibilidade de concepção de escrita orgânica. Ainda mais, tal como no ensaio, sua literariedade pode se manifestar apenas *in potentia*, a ser apreendida no processo mesmo de sua escrita. Além disso, ao lado do processo, da performance e do sentido da co-presença, destaca-se também a oralidade, não só como um fundamento da escrita ensaística e epistolográfica, mas também como estratégia discursiva com contornos explícitos, por exemplo, em *Casa-grande & senzala*, de Freyre, e em praticamente toda a obra narrativa de José Lins do Rego, sobretudo nos romances do ciclo da cana-de-açúcar e nos romances – ainda pouco estudados – do ciclo do cangaço.

Por sua vez, a importância da forma epistolar revela-se inclusive no relevo que a mesma recebeu, nos escritos de Freyre, no início de sua trajetória profissional e acadêmica. Muito antes de utilizar esta forma como fonte primária de pesquisa – o sociólogo lançava mão de cartas, diários, anúncios, relatórios etc. como *primary sources* –, seus escritos de juventude tomaram a forma de

⁹ LUKÁCS, G. *Soul and form*. Traduzido do alemão por Anna Bostock. London: Merlin Press, 1974. p.17.

¹⁰ Para se conhecer as figurações da assombração, cf. FREYRE, G. *Assombrações do Recife Velho*. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

¹¹ ADORNO, T.W. O ensaio como forma. In: _____. *Notas de Literatura*, 1. Tradução e apresentação Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003. p.15-45. passim.

¹² A definição do ensaio como literatura *in potentia* pode ser encontrada em: OBALDIA, C. de. *The essayistic spirit: Literature, modern criticism, and the essay*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

cartas abertas com um misto de crônica, com um quê de narrativa de viagem e ainda de reportagem, pelo movimento dinâmico e pelo diálogo estabelecidos com a vida prática. Sua prática literária inicial recupera o sentido mundano e a informalidade característicos dos *familiar essays*, consolidados por meio da imprensa escrita inglesa do século XVIII e XIX, em contexto de avanço da industrialização e da democracia, tendo como representantes Richard Steele, Joseph Addison, Charles Lamb e William Hazlitt. Esses artigos de jornal de Freyre foram enviados quando o “aspirante” a escritor tinha apenas 18 anos. Nos primeiros meses nos Estados Unidos, as impressões iniciais do contato com o contexto norte-americano foram registradas de modo a destacar as inúmeras facetas da nova experiência. No texto datado de “Louisville, setembro 1918”, publicado no *Diário de Pernambuco* em 3 de novembro de 1918, temos os seguintes assuntos, abordados numa prosa rápida com laivos expressionistas: a silhueta de Louisville, o protestantismo americano, o peixe-monstro capturado na costa da Flórida, as consequências da Guerra Mundial, com homens vivos, “porém sem braços e sem pernas”, as primeiras lufadas de vento outonal. O texto datado de “Waco, Texas. – 22 de novembro de 1918”, publicado no *Diário de Pernambuco* em 12 de janeiro de 1919, inicia-se da seguinte forma:

Escrevo esta carta junto do meu fogão de gás. Faz frio. Mas frio, de verdade. Avalie que tivemos neve de manhã. Durou pouco e nem sequer deu para embranquecer os telhados das casas. O dia, porém, continuou frio.¹³

E assim o escritor de cartas procura captar suas mais vivas impressões de modo a fazê-las chegar ao leitor distante, o público situado no Recife – mas, lembre-se, o *Diário de Pernambuco* era um dos principais jornais do país, tendo sido o primeiro a circular na América Latina, com data de fundação em 7 de novembro de 1825, de modo que os potenciais leitores do periódico poderiam eventualmente se situar em outras regiões do país. Assiste-se ao início do desenvolvimento de um estilo bastante pessoal, uma escrita que procura se comunicar diretamente com o leitor, sem mediações causadoras de ruídos que pudessem prejudicar a dinâmica da informação, o que, em última instância, poderia causar a elisão da experiência.

¹³ FREYRE, G. *Tempo de Aprendiz*. São Paulo: IBRASA, 1979. v.1, p.43.

Tais textos iniciais, datados e com estilo epistolar, se transformaram em uma série de artigos para o *Diário de Pernambuco*. Já os artigos subsequentes abandonam os códigos epistolares explícitos, tais como datação, abertura e fechamento: “Começo a ter saudades da nossa natureza tropical, clara, florida, cheia de sol. / As cartas do Brasil são muito irregulares. / Como irá o nosso Recife?”,¹⁴ pergunta o remetente no artigo publicado em 3 de novembro de 1918; ou “Espero que todos aí tenham tido um Natal alegre. Eu vou indo bem e estou pronto para o novo ‘quarter’, que começará terça-feira vindoura. Carta anterior, dirigida a Ulisses, informa de como me fui nos exames”,¹⁵ que são as primeiras linhas do artigo epistolar datado de “Fort Worth – 28 de dez. de 1918”, publicado em 16 de fevereiro de 1919.

Porém, mesmo depois do momento em que os artigos passam a ser publicados sem datação, o estilo epistolar e seu caráter performático já haviam impregnado a escrita. Tudo o que se conta, a partir de então, tem em vista as experiências escritas em primeira pessoa, suas idas e vindas, provas e festas, entusiasmos intelectuais, estranhamentos com o mundo industrial, aventuras diversas “na terra de Tio Sam”, simulando os volteios do diálogo informal com requintes intelectuais que oferecem a imagem perturbadora de um livre-pensador com gestos já bastante contraditórios, moderno e simultaneamente arcaico. Os artigos para a série “Da outra América” – ou seja, a América do Norte – terminam em agosto de 1922. Mesmo com este encerramento, a escrita de Gilberto Freyre e a experiência inaugural dos artigos epistolares parecem ter marcado – ou, no mínimo, indicam – um futuro estilo performático, dialógico, expressionista, de tom baixo, que viria a constituir seus ensaios mais extensos, de cunho mais científico, escritos a partir da década seguinte.

José Lins do Rego, por sua vez, também lançou mão da forma epistolar como estratégia ensaística. Na edição *Ligeiros traços*, que reúne artigos escritos entre 1919 e 1924, organizado por César Braga-Pinto, certas características que se tornariam marcantes de sua prática literária já se concretizam, por meio de pequenos ensaios que demonstram pendor ao sentimento de pertença e à melancolia. Porém, mais do que isso, a coletânea revela um sujeito que se arma pela palavra, que combate, que instiga, que

¹⁴ FREYRE, *Tempo de Aprendiz*, 1979, v.1, p.42.

¹⁵ FREYRE, *Tempo de Aprendiz*, 1979, v.1, p.51.

crítica, posicionando-se, por meio da escrita, no mundo. Alguns artigos dialogam efetivamente com a forma epistolar, porém mais como estratégia de ficcionalização, como “Miss fragilidade” (publicado em *Jornal do Recife*, 04.09.1921), “A última carta” (*Jornal do Recife*, 25.10.1921) e “A confissão de um artificial” (*Jornal do Recife*, 06.11.1921). Por outro lado, há dois artigos em que a forma epistolar adquire o sentido de um debate público empenhado sobre temas caros para aquela geração. Em “Essa carta ao Quincas”, José Lins, ao confrontar-se com Joaquim Inojosa (que se tornaria o antípoda de Freyre no Recife), em carta aberta no *Jornal do Recife* (19.05.1922), escreve:

Hoje, sou burro e escrevo fantasias. Acredito, plenamente, na minha burrice, mas as fantasias, deixo-as todas para você. [...] Agora preciso dizer-lhe que não aspiro empregos públicos e nem tampouco tenho minha mocidade alimentada pelo Estado. Meti-me nesta campanha em virtude duma dignidade coletiva. [...] quis pelos sertões confundir-me com a alma generosa do povo. E de lá saí mais digno do que entrara. Deram-me lições de civismo os dignos homens do campo. [...] E se não somos sábios pelo menos seremos dignos.¹⁶

O pano de fundo desta polêmica pública é a sucessão ao governo estadual; Inojosa e Lins ocupam, aqui, posições políticas divergentes, assim como ocupariam, sempre, no plano cultural. A resposta de Lins delineia a vontade de imiscuir-se com “a alma generosa do povo”, como meio de dignificação da política e também, por extensão, da estética.

Por sua vez, no artigo “Carta de uma geração aos srs. Gilberto Freyre e Jackson de Figueiredo”, Lins faz um elogio ao homem de ação, da autoridade, critica a desordem instalada no Exército e afirma posições que certamente soaram bastante polêmicas na época: “[...] o nosso único destino é o destino de homens rurais”¹⁷. Ao revés, se acima afirmou o ideal do *self-made man* ao rejeitar a dependência da máquina pública, aqui se identifica com a classe de homens rurais, assumindo, nas entrelinhas, a dificuldade da ruptura com familismo e o patrimonialismo típicos dessa organização social. Manifesta-se, em seu projeto, uma contradição de base, incongruência, por sua vez, inscrita em vários momentos da história brasileira. Em outro trecho, por exemplo, em breve perfil de D. Pedro II, afirma ironicamente suas tendências liberalizantes

¹⁶ REGO, J.L.do. *Ligeiros traços: escritos da juventude*. Seleção, introdução e notas: César Braga-Pinto. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p.208.

¹⁷ REGO. *Ligeiros traços*, 2007, p.275.

para contrapô-las ao reacionarismo do Exército, o que não se coadunaria com a representação simbólica do Imperador e o regime que representa:

O romantismo democrático e os negros libertos, a grosso, pela Princesa Isabel, valeram muito mais que a parada militar de 15 de novembro. O próprio imperador só faltou sair do S. Cristóvão de camisa vermelha, à Garibaldi, e dar o seu grito à República. O mais, tudo fez ou consentiu que fizessem, para que não partisse seu ar ingênuo de apóstolo da solidariedade humana.¹⁸

Se, por um lado, podemos observar nos escritos publicados freyrianos uma marca que recupera sobretudo o estilo dos *familiar essays*, por outro, observamos como Lins atualiza uma tendência moralista no início de sua trajetória. Ao encenar um enfrentamento argumentativo significativo por meio do diálogo, faz, em verdade, uma elisão do consenso, no caminho da reflexão de R. Janine Ribeiro sobre o discurso moralista: “[...] em vez de dialogar com seu interlocutor [...], de lhe propor contra-argumentos, de aceitar pois situar-se no mesmo plano que ele – em vez disso o autor lhe arranca o chão, nega e contesta o plano do qual ele fala e no interior do qual jamais poderá ser refutado”¹⁹. Apesar dessa elisão, a tentativa de consenso mantém-se no horizonte.

Finalmente, gostaria de destacar uma peça da correspondência de Gilberto Freyre & José Lins do Rego que, ao combinar informalidade e discurso moralista, aponta para a configuração futura de um consenso precário alargado. Lado a lado a vários trechos de Lins em que vemos claramente um sujeito que se posiciona diante da esfera pública procurando agir no destino da comunidade, lançando mão, inclusive, de estereótipos – e enfatizando-se, portanto, o diálogo com os ensaios moralistas –, há também um outro Lins em construção, sensível aos contornos das paisagens e configurador de perfis. Esse Lins emerge, sobretudo, após o aprofundamento da relação com Freyre. O texto que segue é um exemplo interessante de convergência de perspectivas, com uma formalização maior das contradições que passam a ser lidas nos contornos do sujeito e da paisagem natural e social, que implicam também uma ambivalência com relação aos recursos da tipificação.

¹⁸ REGO. *Ligeiros traços*, 2007, p.277.

¹⁹ RIBEIRO, R.J. *A última razão dos reis*: ensaios sobre filosofia e política. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.87.

Muitas saudades tenho tido de você. Custa-me muito caro a vida de reclusão que levo. E depois reclusão sem um ambiente, tudo áspero, uma forçada adaptação a uma vida [pela] qual sinto nojo que é a vida de advogado. A cidade onde estou é profundamente estúpida e rica. Não é da velha Minas do sul de que fala Oliveira Viana, a Minas pacata e velha. É uma cidade nova da Mata, zona que é dum delicioso clima para a leitura, com muitas serras, muito verde, muitos riachos, cafezais por cima de tudo, mas duma gente que talvez seja a gente mais áspera do mundo. Avalie você que os judeus dominam em toda parte. Têm eles as melhores casas de comércio, já são senhores de propriedades rurais, têm força na política. Dentro em breve serão donos disto aqui. [...] A cidade tem luz elétrica, esgoto, água e uma porção estúpida de advogados. Eu penso que termino advogado. Para quem tem tino econômico é a terra privilegiada. Ganha-se muito dinheiro. Se Minas é isto que eu vejo por aqui será uma terra lamentável de homens. Entretanto eu penso que é da Zona da Mata este deplorável aspecto. Em São João D'El-Rei onde estive a minha impressão é outra. É uma cidade como [Igurassu] com um rio passando pelo meio das ruas, e cruzeiros por toda a parte. Há lá uma igreja de São Francisco com um aspecto todo diverso das igrejas de São Francisco daí, que é um encanto. A vida religiosa em São João D'El-Rei absorve tudo. É um povo que não sai das igrejas. Vi lá um santo alongado, fino, meio parecido aquelas suas reproduções do Greco, que me disse um padre ser obra do Aleijadinho. [...] Talvez no inverno a paisagem de São João seja outra. A que vi, parece arranjada para o caráter monástico da cidade.²⁰

Nessa apreciação da pequena Munhuaçu, em Minas Gerais, onde Lins morou ao assumir uma promotoria, manifestam-se aspectos vários, como o ritmo da pequena cidade, com sua vida pacata, o sentido de comércio penetrando várias dimensões da vida pública, a aspereza da gente. À constatação da dominância da ideologia burguesa liberal em Munhuaçu, por meio de uma leitura eivada pelo subjetivismo e até pelo antissemitismo, o escritor depara-se com a possibilidade de a paisagem social brasileira íntima, agora de São João D'El-Rei, sugerir a viabilidade de se constituir uma via alternativa de modernização para o Brasil. Com sua paisagem amena, com seu caráter monástico e recato, a pequena cidade possibilita leituras integradoras entre meio natural e homem de modo harmônico, com contrastes ainda mais dissolvidos pela vida religiosa do povo. Diferentes espaços oferecem lições dissonantes, e o Brasil que emerge da carta, de contornos coloniais, da simplicidade e da religiosidade, em busca de um consenso, aponta para aquele que seria, alguns anos depois, emblemático da ação dos modernistas reunidos no IPHAN—Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, sob a direção

²⁰ Carta de José Lins do Rego a Gilberto Freyre, com datação “1.º de dezembro de 1925”.

de Rodrigo Melo Franco de Andrade, instaurado sob o governo de Getúlio Vargas.

Podemos observar, portanto, que lições extraídas da atividade ensaística e epistolar convergem para melhor traduzir a imagem de um Brasil plural, metáfora de processo em aberto a escrever uma história, não de rupturas definitivas, mas de aderências, mesmo que a partir de aparentes dissonâncias. Os fundamentos desse projeto podem ser observados na atividade literária de juventude de ambos, mas se tornariam paradigmáticos na década de 30. Entre passado e futuro; entre campo e cidade; entre homem e paisagem; entre oralidade e escrita; entre tradição e modernidade; a partir de contraditórios emerge um projeto de sedimentação, bastante problemático, de sujeito e nação. Esta geração, empenhada em desvelar o “Brasil ignoto”, se tornaria a mais representativa, em termos editoriais e em ação intelectual e literária empenhada, dos anos 30, mas sua construção já se perfaz na década anterior. Portanto estudar sua produção é fundamental para se compreender a dinâmica tanto da escrita, vazada pela performance e pelo contraditório, quanto de um período crucial para a definição dos rumos da modernização brasileira, assentada num terreno instável entre público e privado.²¹

²¹ GOMES, Ângela. Política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: HISTÓRIA da vida privada no Brasil, 4: contrastes da intimidade contemporânea. Organizadora do volume: Lília Moritz Schwarcz São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.488-558.